

**RUMO À PLENITUDE: conversão pastoral nos documentos de Santo Domingo,
Aparecida e *Evangelii Gaudium* em vista do Sínodo da Amazônia**

Towards fullness: pastoral conversion in the documents of Santo Domingo, Aparecida
and *Evangelii Gaudium* in view of the Synod of Amazon

Nadi Maria De Almeida¹
Joachim Andrade²

Resumo

Este artigo faz uma análise e reflexões sobre conversão pastoral a partir dos documentos de Santo Domingo, Aparecida e da Exortação apostólica *Evangelii Gaudium*. Analisa a partir dos três documentos da Igreja o paradigma da conversão pastoral que possui maior relevância e credibilidade para sua atuação no mundo contemporâneo, especificamente na região amazônica. Primeiramente o artigo busca definir o conceito de conversão pastoral; em seguida aponta a conversão como transformação missionária da Igreja segundo a *Evangelii Gaudium* e, por último fundamenta a conversão pastoral como uma necessidade para o contexto atual do mundo.

Palavras-chave: Conversão Pastoral. Missão. Região Amazônica. Documentos da Igreja.

Abstract

This article analyses and offer reflections on pastoral conversion in the documents: *Santo Domingo* and *Aparecida* as well as from the Apostolic Exhortation *Evangelii Gaudium*. It analyzes from these three documents, the paradigm of pastoral conversion that has greater relevance and credibility of its action in the contemporary world specially in the amazon Region. The article defines the concept of pastoral conversion; and then points out conversion as a missionary transformation of the Church according to *Evangelii Gaudium*, and finally, treats pastoral conversion as a necessity in the context of the contemporary world.

Keywords: Pastoral Conversion. Mission. Amazon region. Church Documents.

¹ Doutoranda em teologia como foco em Missão, pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUCPR (2018...). Mestrado em Teologia com foco em missão, pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUCPR (2016-2018). Especialização em Metodologia da Educação no Ensino Superior, pelo Centro Universitário Internacional – UNINTER (2018). Bacharelado em Teologia pelo Centro Universitário Filadélfia (UNIFIL), Londrina PR (2016). Licenciatura em Ciências Religiosa (PUC-Paraná) (1992-1996). Bacharelado em Relações Internacionais, pelo Centro Universitário Internacional – UNINTER (2014-2017). **Graduação no exterior:** Especialização em Missão pela “Catholic University of Eastern Africa” (CUEA) no Quênia (2010). (Bacharelado em Teologia pela “Catholic University of Eastern Africa” (CUEA) no Quênia 2006-2010). Bolsista CAPES. **Email:** nadinadimaria@gmail.com.

² Membro da Congregação do Verbo Divino. Professor de Teologia na PUC – Paraná. Mestre em Antropologia Social (UFPR- 2003) Doutor em Ciências da Religião (PUC – SP – 2007). Autor de livros: Dança Clássica Indiana (2008) Teologia dos Sacramentos (2018) Trilhando caminho de missão: fundamentos e apontamentos de missiologia(2019). Organizador do Livro: Caminho para missão: Fazendo a Teologia contextual (2008). Tradutor do Livro: Diálogo Profético: reflexão sobre a missão cristã hoje. Escritor de vários artigos científicos. Membro da equipe Interdisciplinar da CRB nacional Brasília. **E-mail:** joachandrade@gmail.com

INTRODUÇÃO

A floresta amazônica é uma região de equilíbrio de dois hemisférios em termos de clima. Para preservar esse equilíbrio e também os cuidados em relação à biodiversidade e o modo especial dos povos indígenas que aí vivem há milênios, um especial Sínodo dos Bispos será realizado em Roma de 6 a 27 de outubro de 2019 com o tema: Amazônia – novo caminho para a Igreja e para uma ecologia integral. É uma iniciativa da Igreja Católica, que convida todas as entidades que trabalham na região a pensar sobre a vida e missão entre os povos da região. Os missionários, de maneira especial, são chamados não apenas a direcionar os olhos para essa região, mas também para remover as sandálias, reconhecer a santidade desta terra, a vida que vibra entre seus rios e florestas e em suas comunidades. O mesmo espírito que chama para a Igreja ouvir, também chama todos, inclusive multinacionais, os governos e latifúndios para uma profunda renovação, transformação e conversão. A razão desse chamado remete ao reconhecimento do lugar como sagrado, onde o próprio divino marca sua presença de forma visível e convida a estabelecer uma relação verdadeira para que todos possam viver bem numa Casa Comum.

O artigo não pretende elaborar sobre a realidade da Amazônia, mas sim tratar sobre a conversão que deve acontecer em relação à Amazônia, sendo que ela é de todos. A Igreja está presente há 4 séculos nessa região, marcando sua presença em modalidades diferentes. Os modelos antigos que foram utilizados no desenvolvimento da pastoral na região parecem estar ultrapassados, por isso há necessidade de uma conversão estrutural como a dos agentes que atuam na região. Nunca se pensou nessa região a partir dos nativos, incorporando sua cosmovisão na elaboração da pastoral. Portanto, o objetivo é abordar os caminhos para a missão a partir da renovação missionária que parte de uma profunda conversão pastoral proposta pelas duas Conferências Episcopais Latino-americanas: a de Santo Domingo e a de Aparecida, e ainda, do convite à conversão pastoral como conversão missionária da Igreja da exortação apostólica *Evangelii Gaudium*. Tais objetivos são colocados numa tentativa de clarear conceitos e apontar um direcionamento ao caminho que devemos trilhar para uma transformação interior e exterior da Igreja atuante no mundo contemporâneo.

Para alcançar os objetivos propostos, o trabalho primeiro esclarece o que se entende por conversão pastoral nos documentos de Santo Domingo e de Aparecida. A seguir analisa a conversão pastoral como transformação missionária da Igreja a partir da *Evangelii Gaudium*. E por último desdobra a ponderação e reflexão missionária sobre a conversão pastoral na missão, que segundo Brighenti (2013, p. 99) é “a tomada de consciência da atuação do Espírito para além das fronteiras da Igreja” onde germina frutos do Reino de Deus.

1 CONVERSÃO PASTORAL NOS DOCUMENTOS DE SANTO DOMINGO E APARECIDA

Após o Concílio Vaticano II várias conferências e reflexões foram realizadas e documentos redigidos a respeito da ação missionária da Igreja. Notou-se que ainda permanecem estruturas colonialistas que precisam ser convertidas e decolonizadas. Por um lado, percebe-se que não há possibilidade de viver sem estruturas e por outro sentimos o peso delas nas costas, além de criar obstáculos para um bom andamento da evangelização que chamamos a conversão pastoral. Entendemos a pastoral como o cuidado que a Igreja tem para com a realidade que clama. A conversão remete aos dois âmbitos: no pessoal, as mudanças de atitudes, e no social, a aproximação das realidades a partir da compaixão. Este artigo analisa os caminhos para a missão a partir de uma renovação missionária que parte de uma profunda conversão pastoral. Apresenta algumas reflexões para a atividade missionária da Igreja no mundo atual a partir do convite à conversão apresentada nos documentos das Conferências Episcopais de Santo Domingos e de Aparecida, da Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* e de autores que tratam do assunto.

Diante da realidade e do contexto atual de pós-modernidade, a Igreja depara com dificuldade de caminhar e responder a todos os desafios que esta sociedade apresenta. Dificuldade de motivar as pessoas, de formá-las, segundo Conrado (2011, p.83), “para o processo de evangelização, de adequar sua atuação às culturas, estruturas próprias do novo tempo”. Mesmo que desde o Vaticano II a Igreja vem se renovando e levando avante sua missão é preciso sermos ousados e abrangentes. O mesmo autor afirma que “é preciso novas estruturas, diferentes estratégias”, e em especial uma transformação de si próprio. (CONRADO, 2011, p.83). Ou seja, é preciso uma profunda e sincera conversão.

Conversão³ significa uma transformação interior e exterior ou uma modificação que acontece na vida que muda totalmente de caminho, de direção e de sentido. É quando acontece a mudança radical de um caminho torto para um caminho reto, de uma direção extraviada e sem rumo, para uma direção certa que tem sentido e ponto certo de chegada.⁴ Os documentos do Magistério da Igreja Latino-Americana conceituam conversão como um discernimento dos caminhos tomados para uma mudança radical, uma conversão que leva a tomar novos caminhos, nova direção diante do clamor do povo por justiça e vida digna. Amplia a dimensão do conceito adicionando a necessidade de uma conversão pastoral.

Os Documentos de Santo Domingo e de Aparecida oferecem novos caminhos através da “conversão pastoral que leva a promover a comunhão, a participação, o diálogo, a corresponsabilidade, e a buscar meios e instrumentos marcados pelo encontro com Cristo” (CONRADO, 2011, p. 84).

A Igreja da América latina e Caribe, com a Conferência episcopal de Santo Domingo (1992), falou da exigência de uma renovação eclesial que precisa de uma *metanoia* pastoral. Uma conversão que abarca “a tudo e a todos: na consciência e na práxis pessoal e comunitária, nas relações de igualdade e de autoridade; com estruturas e dinamismo” para que a Igreja se faça presente, visível e concreto sinal e instrumento de salvação universal (SD 30). Isto exige uma profunda conversão (Mc 1,15; Mt 4,17), uma ruptura com toda forma de egoísmo num mundo marcado pelo pecado (cf. Mt 7,21; Jo 14,15; RMi 13), ou seja, uma adesão ao anúncio das bem-aventuranças (Mt 5,1-10) (SD 5).

Uma conversão da mentalidade e do coração para uma renovada evangelização (SD 9), uma conversão coerente com o concílio Vaticano II, que é um chamado incluindo: consciência, práxis pessoal e comunitária, as relações, autoridades, estruturas, e dinamismo, a fim de tornar a presença da Igreja cada vez mais clara “enquanto sinal eficaz, sacramento de salvação universal” (SD 30).

³ “Conversão traduz a palavra grega *metanoia*. *Metá* de *metamorfose*, mudança de forma, e *noia* de *paranoia*. Conversão é mudança de cabeça, portanto. É mudança de mentalidade, de conceitos, de sonhos, de objetivos de vida [...]. Mudar o objetivo pessoal de domínio, de senhorio, de ser servido, pelo objetivo coletivo de realizar o projeto de Deus, de construir a Igreja de Jesus Cristo, de servir o povo de Deus para que ele seja sujeito, e não objeto a ser manipulado”. Conversão, mudança completa de rumos na vida para ser verdadeiros discípulos de Jesus Cristo, contribuindo “para formar uma Igreja que seja verdadeiro sacramento de salvação para a humanidade” (PRADO, 2014, p. 1).

⁴ O que fez o Concílio Vaticano II, uma reviravolta, tomou uma nova direção, para isso exige coragem e convicção.

A Igreja carrega e tem o dever de oferecer a mensagem de libertação “criadora do desenvolvimento que leva à conversão do coração e da mentalidade, faz reconhecer a dignidade de cada pessoa, predispõe à solidariedade, ao compromisso e ao serviço dos irmãos (RMi 59)” (SD 158).

Descobrir nos rostos sofredores dos pobres o rosto do Senhor (Mt 25,31-46) é algo que desafia todos os cristãos a uma profunda conversão pessoal e eclesial. [...]. Os rostos humilhados por causa de sua própria cultura, que não é respeitada, quando não desprezada; os rostos angustiados dos menores abandonados que caminham por nossas ruas e dormem sob nossas pontes; os rostos sofridos das mulheres humilhadas e desprezadas; os rostos cansados dos migrantes que não encontram digna acolhida; os rostos envelhecidos pelo tempo e pelo trabalho dos que não têm o mínimo para sobreviver dignamente (CECAM, DT 163). O amor misericordioso é também voltar-se para os que se encontram em carência espiritual, moral, social e cultural (SD 178).

Em 2007 a Conferência Episcopal de Aparecida retomou o tema da conversão pastoral para uma Igreja “em estado permanente de missão”.

Aparecida (370) aponta para uma conversão que “vai além de uma pastoral de mera conservação da Cristandade a uma pastoral decididamente missionária”. Seria passar de uma pastoral apegada e centrada aos sacramentos, um modelo conservador, fixado em apenas aumentar os membros na Igreja, para uma pastoral missionária, isto é, aberta, inclusiva e pluralista. Que saia do egoísmo, das estruturas clericalistas, fechadas nos escritórios e altares, para a rua, rumo ao povo, especialmente aos excluídos e descartados pela sociedade. Significa arregaçar as mangas para pôr a mão na massa; tirar as sandálias, para pisar com profundo respeito em solo do “outro”; despír dos medos e inseguranças, dos preconceitos que cercam os pobres; para olhá-los com a ternura e a misericórdia de Deus.⁵

Conrado (2011, p. 83) afirma que na conferência de Aparecida se insistiu no caráter missionário da Igreja que devem atingir todas as suas instancias, para que haja uma transformação geral; interiormente, baseada no encontro com Cristo e exteriormente que transparece em ações concretas para transformação do mundo.

Na América Latina com “opção preferencial pelos pobres”, (DAp 396) determina uma Igreja que seja a “casa dos pobres” (DAp 524), samaritana (DAp 27), com estruturas abertas para acolher a todos e para sair ao encontro dos pobres e

⁵ É um convite a ver o outro, observar as diferenças, com as lentes de Deus. Por exemplo, convida a deixar de ver o pobre, o negro, o mendigo como pessoas perigosas e malfeitoras, para ver neles a imagem e semelhança de Deus.

excluídos da sociedade (DAp 412). Todos são chamados a assumir atitude de conversão pastoral, que implica escutar com atenção e discernir ‘o que o Espírito está dizendo às Igrejas’ (Ap 2, 29) através dos sinais dos tempos em que Deus se manifesta (DAp 366).

A conversão pastoral é uma requisição indispensável para que a Igreja e seus agentes vão além da pastoral conservadora, para uma pastoral totalmente missionária. Para isso, é preciso ter coragem de fazer uma séria revisão, humildemente pedir perdão, mudar de vida, de mentalidade e ações (DAp 365) e tomar corajosamente novos rumos, novas atitudes com novas atividades totalmente missionárias.

Segundo Brighenti (2008) é preciso mais ardor missionário e “novos métodos e expressões [...]. Muitos católicos vivem e morrem sem assistência da Igreja. Falta uma sólida estrutura de formação dos agentes de pastoral”. Falta abertura, delicadeza e amor para com o próximo, falta sensibilidade, ternura e misericórdia (BRIGHENTI, 2008, p. 97). A proposta de um estado permanente de missão nos leva a pular todos os tipos de fronteiras existenciais. Esta atitude traz transformação, para ambas as partes, porque a conversão pastoral se dará em contato com a realidade junto entre os marginalizados, abandonados e excluídos, é no contato com eles que a Igreja e seus discípulos se transformam.⁶

Brighenti (2008) aponta que a conversão pastoral no documento de Aparecida traz indicações bem concretas que “quando assumidas a Igreja começa a evangelizar a si mesma, ficando coerente com a renovação do Concílio e, conseqüentemente, com os desafios dos tempos” (BRIGHENTI, 2008, p. 98). Há necessidade de desinstalar-se para tornar-se uma Igreja totalmente missionária (DAp 362). Uma decisão missionária que promova a vida e a cultura.⁷

Brighenti (2008) chama de “conversão pastoral” a “superação do eclesiocentrismo e a distinção entre Igreja e Reino de Deus, explicita pelo Vaticano II, que nos faz tomar consciência da presença da ação do Espírito, além das fronteiras da Igreja”. Faz-nos tornar companheiros de caminho e de trabalho de todas as pessoas de boa vontade, pertencente a outras Igrejas e outros credos, ou simplesmente professantes de um “humanismo aberto ao absoluto” (BRIGHENTI, 2008, p. 86).

⁶ A evangelização, a conversão e a transformação começam com a instituição Igreja, com suas estruturas e seus agentes, pois só assim poderá passar uma mensagem credível, ser sinal do Reino no mundo e seus agentes, verdadeiras testemunhas do Evangelho, ou seja, verdadeiramente discípulos missionários de Cristo.

⁷ A vida e a cultura são Dons de Deus, promovê-la é um dever da Igreja. A conversão pastoral convida para abrir-se a todos e a todas as realidades dos povos da terra. Esta abertura traz mudança de vida e transformação da mentalidade e das atitudes.

Documento de Aparecida número 213 destaca que a participação é incluída “do discernimento, da tomada de decisão, do planejamento e adverte para uma necessidade de uma mudança de mentalidade de toda Igreja, especialmente da hierarquia.” O estilo piramidal sempre atrapalha – Jesus sendo Senhor e Rei se fez servo (Fl 2, 6-8) na comunidade e em meio à sociedade. Não acomodou em um trono, saiu em meio do povo nas “periferias”, em meio aos sofredores. A “nova evangelização, para os dias atuais, exige uma ‘conversão pastoral’ em relação aos velhos modelos do passado, o que implica uma passagem da ‘pastoral de conservação’ a uma ‘pastoral evangelizadora’”, de estilo circular e não piramidal (BRIGHENTI, 2013, p. 94). A conclusão é que ainda temos um longo caminho de transformação e purificação, o qual é um processo lento que estamos vendo desenrolar desde a corajosa abertura que trouxe o Vaticano II. Assim como a esperança e utopias para futuros melhores, com o contínuo convite à “conversão pastoral como conversão missionária” do Papa Francisco na EG.

2 CONVERSÃO PASTORAL CONFORME *EVANGELII GAUDIUM*

A exortação apostólica *Evangelii Gaudium* traz as características e o significado da identidade da Igreja “em saída” por natureza missionária, com esperança de “que todas as comunidades se esforcem por atuar os meios necessários para avançar no caminho de uma conversão pastoral missionária”. A Igreja não pode se acomodar ou ignorar as coisas como estão, por isso, convoca toda a Igreja a entrar num “estado permanente de missão” (DAp 551, EG 25).

A missão nasce e se realiza em encontro. A alegria do encontro com Cristo transforma e move a ir ao encontro de outros.

Se não estivermos convencidos disto, olhemos para os primeiros discípulos, que logo depois de terem conhecido o olhar de Jesus, saíram proclamando cheios de alegria: “Encontramos o Messias” (Jo 1, 41). A Samaritana, logo que terminou o seu diálogo com Jesus, tornou-se missionária, e muitos samaritanos acreditaram em Jesus “devido às palavras da mulher” (Jo 4, 39). Também São Paulo, depois do seu encontro com Jesus Cristo, “começou imediatamente a proclamar (...) que Jesus era o Filho de Deus” (At 9, 20; cf. EG 120).

Neste encontro com Cristo acontece uma transformação na vida das pessoas que se abrem a outras para partilhar da alegria desse encontro. A conversão pastoral é uma exigência para a “Igreja aprofundar a consciência de si mesma, meditar sobre o seu próprio mistério” (EG 26). Esta atitude a impulsionará escancarar as portas e sair; em

direção as periferias, aos pobres, aos caídos à margem. A formulação da mensagem nestes contextos periféricos deve ser ativa e não passiva, de atitudes e ações concretas. Não é um sair curioso só para ver, mas um sair misericordioso que estende a mão, os braços para abraçá-los e os levantar, para curá-los e restaurar as forças. Pois a “vida se alcança e amadurece à medida que é entregue para dar vida aos outros. Isso é, definitivamente, a missão”⁸ (EG10).

Na EG Papa Francisco partilha seu sonho para missão da Igreja:

Sonho com uma opção missionária capaz de transformar tudo, para que os costumes, os estilos, os horários, a linguagem e toda a estrutura eclesial se tornem um canal proporcionado mais à evangelização do mundo atual que à autopreservação. A reforma das estruturas, que a conversão pastoral exige só se pode entender neste sentido: fazer com que todas elas se tornem mais missionárias, que a pastoral ordinária em todas as suas instâncias seja mais comunicativa e aberta, que coloque os agentes pastorais em atitude constante de ‘saída’ e, assim, favoreça a resposta positiva de todos aqueles a quem Jesus oferece a sua amizade. Como dizia João Paulo II aos Bispos da Oceania, ‘toda a renovação na Igreja há de ter como alvo a missão, para não cair vítima duma espécie de introversão eclesial’ (EG 27).

Evangelii Gaudium número 28 “propõe uma revisão da situação atual das paróquias”, que com suas diversas realidades e forças “requerem a docilidade e a criatividade missionária do pastor e da comunidade.” Por isso, o apelo à conversão e transformação deve acontecer a partir das estruturas da Igreja com ordem de abrir suas portas não só aos centros, mas em especial as saídas devem ser em direção às periferias (EG 30). Apela ainda para “ser fermento de Deus no meio da humanidade” com “respostas que encorajem, deem esperanças e novo vigor para o caminho”. Ser “um lugar onde se encontra a misericórdia gratuita e em abundância” onde os “pequenos” do Reino se sintam “acolhidos, amados, perdoados e reanimados com a força do Evangelho” (EG 114).

⁸ “Em Mateus 6,33, Jesus pede para ‘buscar primeiro o Reino de Deus’, ele desloca o foco de uma compreensão centrada na Igreja ou eclesiocêntrica de missão para uma perspectiva centrada no reino ou reinocêntrica da missão (Dupuis 1997: 193; Knitter 1996: 108). A missão é vista como essencial para a construção do reino de Deus e não o da Igreja. O foco da missão não é tanto a conversão, mas o alívio do sofrimento, a opressão e as condições desumanas que impedem as pessoas de viverem em dignidade e integridade. Já não é dada ênfase a retratar o Cristo como Senhor dos Senhores e Rei dos Reis e a Igreja triunfante como concedido com poder e glória e dominando todas as trevas. Em vez disso, a cristologia agora destaca um Jesus que, ‘embora ele estivesse na forma de Deus, não considerou a igualdade com Deus como algo a ser explorado, mas esvaziou-se, assumindo a forma de um escravo’ (Filipenses 2, 6-7). Em outras palavras, há consciência de que a Igreja é apenas uma serva do Reino e, portanto, não enviou tanto para sua própria missão, mas para aquela da *Missio Dei*” (CHIA, 2013, p. 217-218).

Segundo Boff (2017, p1), o Cardeal Bergolio escolheu o nome Francisco “porque se deu conta de que a Igreja está em ruínas pela desmoralização dos vários escândalos que atingiram o que ela tinha de mais precioso: a moralidade e a credibilidade” da Igreja primitiva. Segundo o autor, o Papa Francisco (como São Francisco de Assis) é chamado a restaurar a Igreja.⁹ “É um projeto de Igreja pobre, simples, evangélica e destituída de todo o poder”, que anda com os últimos, fora dos palácios, longe dos galanteios. Com a “centralidade ao Povo de Deus que reze por ele e o abençoe.” Sinal que está para servir e não ser servida, ele “pede que o ajudem a construir caminhos juntos” (BOFF, 2017, p1).

Na tarefa de repensar as estruturas, estilos e métodos de evangelização a EG número 33 dá uma pista: de serem criativos e ousados; vencer as repetições e falta de criatividade, abandonando o comodismo pastoral, sair, ser generosos e corajosos, não caminhar sozinho, mas em comunidade e ter sempre em conta os irmãos e irmãs.

A repetição (mesmice) não condiz com a realidade sociocultural e religiosa das pessoas desta geração. Destarte, não podemos perder tempo nem desperdiçar energias e forças em manter estruturas e modelos pastorais que não respondem as inquietações atuais.

As pessoas olham para religião procurando testemunho e compromisso concreto de uma fé que seja visível e concretizada nas atitudes e ações dos agentes e da instituição. No Pacto das Catacumbas, os bispos assumiram um estilo de vida, um modelo que cabe mudar toda estrutura eclesial, episcopal, paroquial e pessoal, sendo que há uma conexão íntima da mensagem com o mensageiro e seu modo de ser e de viver. Deste modo, é preciso uma revisão para uma conversão constante da Igreja, de suas estruturas, pensamentos, atitudes e práxis missionária. (EG 27) (BRIGHENTI, 2016).

É preciso também usar uma linguagem e ter um comportamento acessível, contextualizado e atualizado para comunicar a mensagem do Reino de Deus e, ao mesmo tempo, para descobri-lo presente em meio aos povos, contextos e culturas (EG 41). Exige atenção ao exprimir a Verdade do Evangelho para que seja sempre uma novidade que atraí sem regras e burocracias estruturais. Mas com atitude acolhedora, aberta e simples, porque o aspecto administrativo e burocrático não pode abafar a

⁹ Soares (2017) diz que Papa Francisco está trazendo reviravoltas na Igreja e para ela. Que a conversão não é só do papado, mas eclesial, é permanente que envolve a todos. Lembra que a Igreja por estar no tempo e no espaço, ela precisa estar sempre se reformando, adaptando-se às novidades e redescobertas da cultura e do desenvolvimento.

pastoral e a evangelização (EG 63). “O problema não está sempre sobre o excesso de atividades, mas, sobretudo, nas atividades mal vividas, sem motivações adequadas, sem espiritualidade que impregne a ação e a torne desejável” (EG 82).

É em meio ao povo que a transformação interior, pastoral, estrutural, missionária acontece. Ele nos molda, nos evangeliza, nos capacita para tornarmos criativos, simples, humildes e ativos. Em campo de missão, em meio ao povo a atenção volta-se totalmente para o outro e se dá a conversão. Entende-se que o Papa Francisco está ciente que a transformação, a conversão pastoral e missionária se torna realidade somente se sairmos e nos inserirmos na caminhada junto com o povo das “periferias existências”. A missão se realiza plenamente entre as pessoas, onde há uma reciprocidade, uma partilha onde as duas partes se transformam. Transformação, no sentido de conversão, de enriquecimento e crescimento evangélico, fazendo juntos a experiência de viver em uma “nova terra”, de paz, amor, harmonia, justiça e dignidade, que é a experiência do Reino de Deus.

3 MISSÃO E CONVERSÃO PASTORAL

Com o Vaticano II tivemos a superação da Igreja como centro, colocando-a em seu lugar a serviço do Reino de Deus, pois, esta Igreja é a responsável de portar a mensagem do Reino a todo o mundo e não a si mesma. No contexto atual, onde o mundo virou uma “aldeia global”¹⁰ as pessoas de diferentes culturas, religiões, raças se relacionam e coexistem ou apenas se veem o tempo todo. Logo, vivemos em um contexto multicultural no trabalho, nos shoppings, nas escolas; um mundo “sem fronteiras” continentais. O fato é que se encurtam as distâncias os contatos com as pessoas, produtos, línguas diferentes, porém os relacionamentos de compreensão, de partilha, de amizade sincera desinteressada, de aceitação do diferente ainda continuam um desafio.¹¹

Sabemos que esse relacionamento é desafiador para pessoas com o mesmo referencial familiar, cultura, religião, porém torna-se ainda mais difícil entre pessoas de diferentes culturas. Bevans e Schroeder (2016, p. 117) destacam que este “cruzamento

¹⁰ “Aldeia global é um termo criado pelo filósofo canadense [Herbert Marshall McLuhan](https://pt.wikipedia.org/wiki/Herbert_Marshall_McLuhan). Ele tinha o objetivo de indicar que as novas tecnologias eletrônicas tendem a encurtar distâncias e o progresso tecnológico tende a reduzir todo o planeta à mesma situação que ocorre em uma aldeia: um mundo em que todos estariam de certa forma, interligados” (Aldeia Global. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Aldeia_Global>).

¹¹ Isso porque as pessoas muitas vezes aproximam de outras por interesses, por isso que há discriminação e exclusão do pobre que não tem nada material a retribuir.

de culturas”, “implica um movimento mutuo e multidirecional entre culturas a ‘intercultural’”. Implica, ainda, gratuidade, interesse e consciência da realidade de que somos seres humanos, irmãos e irmãs, criaturas finitas.

Segundo Bevans e Schroeder (2016, p. 120), ao querer ingressar em outras culturas o mais importante e a primeira situação a analisar são as motivações, o porquê, para não cair em um “imperialismo cultural e ao etnocentrismo”. Esses autores propõem uma análise de revisão da consciência, para varrer tudo o que é velho e ultrapassado dos modelos velhos de fazer missão.

Para Bevans e Schroeder (2016), a “própria fé cristã e a experiência pessoal da ‘boa nova’ são a primeira motivação e a fonte da qual emana o comprometimento para a missão”. Assim sendo, a fé e a “boa nova” são compartilhadas em palavras e ações de forma dialógica. Logo, é “muito importante estar o mais consciente possível da motivação de alguém, suas atitudes e fundamentos teológicos desde o início.” O que vai fazer? Para quê? Por quê? O que levar? Vais “com o seu copo completamente cheio ou com um copo cheio até a metade e capaz de receber algo das pessoas locais?” (BEVANS E SCHROEDER, 2016, p. 122).

A conversão pastoral é um processo que começa antes, continua acontecendo no processo de caminhada junto com as pessoas. Aos poucos vai transformando, modelando, fazendo crescer e enriquecendo o agente e os interlocutores da missão. No entanto, se as motivações não demonstrarem antes uma atitude de conversão e adesão ao “novo”¹² modelo de missão, é muito difícil que isso aconteça no campo da missão.

Para isso, é preciso entrar em terreno de missão descalço, o “missionário inicia seu contato com uma postura de respeito pela presença de Deus nas pessoas e em sua história, cultura e religião.” Como uma “pessoa de fora”, com uma atitude de abertura disposto para “aprender do povo a ser missionário”. Vai aprendendo sobre a cultura e vai entrando nela, desempenhando um relacionamento de confiança e respeito. Mesmo como “especialista” em sua própria cultura e religião, será sempre uma criança a aprender tudo do zero em uma nova cultura. Transforma-se em um eterno, bom e humilde estudante que depende do povo (os melhores mestres) para lhes ensinar sobre a nova cultura (BEVANS E SCHROEDER, 2016, p. 123).

¹²Esse “novo modelo” é “antigo”, pois é um voltar às raízes da missão da Igreja primitiva, e ao modelo da Missão da Santíssima Trindade.

No contexto da missão a conversão pastoral significa esvaziar-se de si mesmo, de atitudes de superioridade que aproxima do outro como se fosse uma *tabua rasa*.¹³ Bevans e Schroeder (2016) apresentam a terra de missão como um jardim, que não se chega para pisotear e estragar as plantas, achando que tudo é erva daninha que deve ser arrancada. Se apresentar como sendo possuidor apenas de sementes boas, desvalorizando tudo que é do outro. Nem mesmo migrar para uma

posição que é totalmente o extremo oposto, uma visão utópica e ultrarromantizada da cultura. Uma posição teológica se situa entre os dois extremos e reconhece a presença de ambos os elementos, das boas sementes e das ervas daninhas em cada cultura (BEVANS E SCHROEDER, 2016, p. 126).

Isso implica ao missionário um cuidado de trocar as lentes dos óculos, pois “temos tendência de perceber, entender e julgar” o outro e sua cultura “a partir de nossas próprias lentes. O missionário é desafiado a entender o mundo do ‘outro’ a partir da perspectiva do ‘outro’” (BEVANS E SCHROEDER, 2016, p. 127). Assim sendo, o caminho para missão hoje também passa pelo processo da conversão pastoral a fim de poder dar passos significativos e valiosos para a credibilidade da ação missionária da Igreja.

Brighenti (2017) citando o documento de Aparecida apresenta um desafio à Igreja da América Latina e Caribe, para olhar para fora de suas fronteiras, a se comprometer mais intensamente com a atividade da Igreja universal. Lembra que recebemos muito da graça do Evangelho, o qual deve queimar como brasa acesa de ardor e entusiasmo missionário para partilhar a alegria do Evangelho.

O documento número 100 da CNBB dedica seu primeiro capítulo, aos “Sinais dos tempos e conversão pastoral”, ressalta para uma “revisão de estruturas obsoletas” onde se desperdiçam muitas energias para “manter estruturas que não respondem mais às inquietações atuais” e nem “comunica experiência de fé” (45). “É preciso fomentar a mística do discípulo missionário, capaz de promover a paróquia missionária” (49). Observa a “urgência da conversão pastoral” como um “processo de transformação permanente e integral”, pessoal e comunitário que implica a coragem de abandonar a pastoral conservadora (51), e ser uma “Igreja capaz de redescobrir as entranhas da misericórdia” (54), de Deus para com seu povo. Fala da “conversão para missão” que

¹³ Terra de missão é lugar de contínuo aprendizado e purificação, é necessário estarmos abertos e dispostos a aprender. Se a nossa posição for de fechamento e de “mestres” que já sabe tudo, não aprenderemos nada, mas apenas tiraremos conclusões baseadas na nossa própria cultura.

significa “passar de uma pastoral ocupada apenas com as atividades internas da Igreja, a uma pastoral que dialogue com o mundo” focando nos valores do Evangelho (58).

Porque

enquanto a paróquia for auto referencial, ocupando-se apenas de suas questões internas, tende a atrair cada vez menos pessoas, pois o discípulo de Cristo não é uma pessoa isolada em uma espiritualidade intimista, mas uma pessoa em comunidade para se dar aos outros (60).¹⁴

Tudo o que recebemos é para ser compartilhado, para que outros também possam conhecer se animar e encorajar a “sair”. As paróquias e comunidades devem ser o lugar de partilha, da ajuda, incentivo e animação missionária através das partilhas de experiências. A alegria cresce à medida que a compartilhamos com outros.¹⁵ A conversão pessoal desperta e provoca a capacidade de submeter tudo ao serviço da instalação do Reino da vida. A conversão pastoral desinstala, tira do comodismo e nos coloca em estado permanente de missão, para irradiar vida ao mundo.

Dentro desse contexto, a convocação do Sínodo em relação a Amazônia encontra seu lugar e os agentes missionários têm uma motivação para a conversão. É importante não esquecer que em meio a tantos modos de fazer missão entre os povos não se deve focalizar apenas nas realidades missionárias paroquiais, diocesanas, nacionais ou continentais. É um olhar para o mundo onde quer que vivam os povos, criação divina, povo de Deus que peregrina neste mundo rumo ao Reino definitivo. Neste sentido, só teremos habilidade de olhar e abraçar a missão como um todo¹⁶ com uma verdadeira e sincera conversão pastoral que nos faz abrir ao mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A preocupação apresentada neste artigo é de conversão em relação à missão especificamente na região amazônica em vista do Sínodo que será realizado em alguns

¹⁴ Documento número 100 da CNBB, (60) citando Papa Francisco, mensagens e homilias - JMJ, Rio 2013, p. 90.

¹⁵ Em toda paróquia precisaria haver formação pastoral missionária, aproveitando melhor as revistas e jornais missionários e materiais que trazem testemunhos concretos de missionários. Manter contato e dar suporte aos missionários, ouvir a partilha dos que voltam da missão. Incentivar e oferecer oportunidades para as pessoas fazer experiências missionárias, de curta ou longa duração; perto ou longe, dentro do país ou além-fronteiras. Essas e outras atividades são elementos importantes e relevantes para despertar ardor missionário na comunidade. E que essas experiências não sejam apenas uma vez por ano; ao contrário, em uma Igreja em estado permanente de missão significa que a ação missionária é e, será sempre seu conteúdo e sua atividade prioritária.

¹⁶ Mesmo que agir localmente pensar, rezar e contribuir globalmente com nossos irmãos e irmãs nas periferias existências espalhadas pelo mundo todo. Não esquecer a catolicidade da Igreja, sua missão é universal.

meses. Portanto o objetivo era apontar certas pautas que poderiam ajudar a refletir e avaliar a prática da missão atual na região amazônica e assumir um novo rumo que chamamos da plenitude. Por isso introduzimos a conversão como ponto de partida. A questão da conversão pastoral como conversão missionária da Igreja, apresentada pelas conferências Gerais do continente Latino-americano e caribenho de Santo Domingo e de Aparecida e pela Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* refletem com ardor renovador o espírito do Concílio Vaticano II. É reafirmando a necessidade de uma profunda conversão de toda Igreja, das suas estruturas e consciência e de todos seus membros, para poder, assim, se colocar em estado permanente de missão.

A Exortação apostólica *Evangelii Gaudium* reforça o convite para avançar no caminho de uma conversão pastoral missionária. Um convite alerta, para não cair no comodismo, ignorando ou deixando as coisas como estão. Portanto, uma convocação na ordem imperativa para Igreja ser ousada na questão que diz respeito à missão. Um apelo a entrar num “estado permanente de missão” (EG 25) e sem esquecer a dimensão além de suas fronteiras. Para tanto, convida a uma profunda “conversão pastoral”, a transformação da mentalidade, estruturas excludentes e que aprisiona a abertura da Igreja que é por sua “natureza missionária” nasceu da missão e existe para missão (cf. AG 1,2). Assim sendo, a conversão pastoral é a chave para uma maior abertura e superação do medo das mudanças, para ousar e se lançar à missão. Para isso, é preciso trocar as lentes dos óculos para ver o outro a partir da perspectiva do outro, afirma Bevans e Schroeder (2016, p. 127), para ver o mundo com os óculos de Deus (cf. Gen 1, 34). Enfim a conversão pastoral e missionária nos faz sair do comodismo e abrir-nos ao outro e ao mundo, colocando a Igreja em estado permanente de missão.

REFERÊNCIAS

BEVANS, S. B.; SCHROEDER R. P. **Diálogo profético**: reflexão sobre a missão cristã hoje. Tradução de: ANDRADE, J. São Paulo: 2016.

BÍBLIA SAGRADA. **Bíblia de Jerusalém**: São Paulo: Paulinas, 1989.

BOFF, L. **O Papa Francisco chamado a restaurar a igreja**. Desdobramentos. 2017 Páginas Principais. Disponível em: <<http://centroloyola.org.br/revista/outras-palavras/desdobramentos/268-o-papa-francisco-chamado-a-restaurar-a-igreja>>. Acesso em: 08 set. 2018.

BRIGHENTI, A. **A desafiante proposta de Aparecida**. São Paulo: Paulinas, 2007.

BRIGHENTI, A. **Aparecida em resumo:** o documento oficial com referência às mudanças efetuadas no documento original: São Paulo: Paulinas, 2008.

BRIGHENTI, A. **Para compreender o documento de Aparecida:** pré-texto, o con-texto e o texto. São Paulo: Paulus, 2008.

BRIGHENTI, A. Por uma evangelização realmente nova. **Perspectiva Teológica.** Belo Horizonte, v. 45, n. 125, p. 83-106 jan/abr. 2013.

BRIGHENTI, A. **Em que o Vaticano II mudou a Igreja.** São Paulo: Paulinas, 2016.

BRIGHENTI, A. O desafio da interculturalidade na pastoral e na teologia. In Luís Aranguren Gonzalo-Felix Palazzi (org.) **Desafíos de una teología Ibero-americana en tiempos de globalización, interculturalidad y exclusión social**, p. 444-463. Boston: Convivium Press Boston College, 2017.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. **Documentos do CELAM:** conclusões das Conferências do Rio de Janeiro, Medellín, Puebla e Santo Domingo. São Paulo: Paulus, 2005.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. **Documento de Aparecida,** Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e Caribe. 5ª ed. São Paulo: Paulus, 2008.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). **Comunidade de comunidades: uma nova paróquia a conversão pastoral paroquial.** 52ª Assembleia Geral. N. 100. Aparecida SP: Edições CNBB, 2014.

CONRADO, S. Conversão pastoral: imperativo ou modismo. **Revista de Cultura Teológica**, v. 19, n. 76, p. 83-97, out/dez 2011.

FRANCISCO. Exortação apostólica do Sumo Pontífice: **Evangelii Gaudium:** sobre o anúncio do evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulinas, 2013.

FRANCISCO. **Mensagem de sua santidade papa Francisco para o dia mundial das missões 2014.** Vaticano: Copyright - Libreria Editrice Vaticana, 2014. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/missions/documents/papa-francesco_20140608_giornata-missionaria2014.htm>. Acesso em: 2 set. 2018.

PAULO VI. Decreto do Concílio Vaticano II: **Ad Gentes.** Sobre a atividade missionária da Igreja (1965). In COMPÊNDIO DO VATICANO II. Petrópolis: Vozes, 2000.

PRADO, J. L. G. Paróquia, rede de comunidades – a conversão pastoral. **Vida Pastoral.** Jan/fev. 2014. Disponível em: <<http://www.vidapastoral.com.br/artigos/eclesiologia/parouquia-rede-de-comunidades-a-conversao-pastoral/>>. Acesso em: 15 set. 2018.

RASCHIETTI, E. **A Igreja em saída na perspectiva ad gentes.** Na 4º CMN, POM, 2017. Disponível em: <<http://www.pom.org.br/4o-cmn-a-igreja-em-saida-na-perspectiva-ad-gentes/>>. Acesso em: 12 set. 2018.

SOARES, M. **A conversão pastoral e a reforma eclesial** – Pontifícias Obras Missionárias. Mar. 2017. Disponível em: <<http://www.pom.org.br/a-conversao-pastoral-e-a-reforma-eclesial/>>. Acesso em: 11 ago. 2018.

SUESS, P. Igreja em saída: compromissos e contradições na proposta missionária do Papa Francisco. **Pistis Prax.** Teol. Pastor. Curitiba, v. 8, n. 3, p. 659-671, set./dez. 2016.

VATICANO II. **Compêndio do vaticano II:** Constituições, decretos e declarações. 29 ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

(Recebido em maio de 2019; aceito julho de 2019)